

O designer instrucional na modalidade de ensino a distância (EAD): concepções e reflexões

—  
The instructional designer in mode of distance learning

—  
Diseño instruccional en la modalidad de educación a distancia: concepciones y reflexiones

Luciana Machado Marx<sup>1</sup>

**Resumo:** Está cada vez mais claro que Educação a distância (EAD) veio promover um novo paradigma educacional na sociedade (MORAN, 2011). Em função disto, os estudos referentes a essa área, tanto para contribuir com novas propostas, quanto para apontar as ações que estão em déficit, tornam-se extremamente importante. Uma proposta em expansão no campo da EAD é a área de Design Instrucional, que pode ser encarada como um corpo de conhecimento voltado à pesquisa e à teorização das estratégias instrucionais (FILATRO, 2008). Para realização desse trabalho entra em cena o profissional designer instrucional. Assim, o presente artigo compila os resultados da pesquisa monográfica intitulada “O Designer Instrucional na modalidade de Ensino a Distância (EAD)” que teve como objetivo principal investigar a importância da presença deste profissional na elaboração de um curso de ensino superior na modalidade a distância (EAD). A metodologia escolhida foi a pesquisa qualitativa do tipo exploratória, e foi utilizada a técnica de grupo focal *online* síncrono e assíncrono para a coleta de dados. A pesquisa demonstrou que o foco principal da atuação do designer instrucional repousa sobre a possibilidade de fomentar uma aprendizagem real e eficaz para os alunos do ensino superior nos ambientes virtuais de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Design Instrucional. Educação a distância. Ensino superior. Aprendizagem.

**Abstract:** *It is increasingly clear that Distance Education came to promote a new educational paradigm in society (MORAN, 2011). Because of this, studies related to this area, both to contribute new proposals, as to point out the actions that are in deficit, become extremely important. A proposal to expand the field of distance education is the area of Instructional Design, which can be seen as a body of knowledge focused on the research and theorizing of instructional strategies (FILATRO, 2008). To carry out this work emerges the instructional designer professional. Thus, this article compiles the results of the of the monographic research entitled "The Instructional Designer in mode of distance Learning" that aimed to investigate the importance of the presence of this professional in designing a higher education course in distance mode. The methodology chosen was qualitative research the type exploratory, and technique used of synchronous and asynchronous online focus group for data collection. Research has shown that the main focus of the performance of the instructional designer rests on the possibility to foment real and effective learning for students of higher education in virtual learning environments.*

<sup>1</sup> Pedagoga pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Experiência na área de Tecnologia Educacional e Arte e Educação com foco nas novas tecnologias. Desenvolve pesquisas na área de Educação à distância, Design Instrucional, Robótica Educacional e Informática Educativa. É professora de Robótica e Informática na Creche Escola Grandini no Município de Teresópolis-RJ. lu.marx@hotmail.com

**Keywords:** *Instructional Design. Distance education. Higher education. Learning.*

*Resumen: Cada vez es más claro que la educación a distancia vino a promover un nuevo paradigma educativo en la sociedad (Moran, 2011). Debido a esto, los estudios sobre esta materia, tanto para contribuir con nuevas propuestas, cuanto para señalar las acciones que están en déficit, se vuelven extremadamente importante. Una propuesta en crecimiento en el campo de la educación a distancia es el área de diseño instruccional, que puede ser visto como un conjunto de conocimientos centrados en la investigación y teorización de estrategias de instrucción (Filatro, 2008). Para llevar a cabo este trabajo entra en juego el profesional diseñador instruccional. Así, este artículo recoge los resultados de la investigación monográfica titulada "El Diseñador Instruccional en la modalidad de educación a distancia" que tuvo como objetivo investigar la importancia de la presencia de este profesional en el diseño de un curso de la educación superior en la modalidad a distancia. La metodología elegida fue la investigación cualitativa de exploración, y se utilizó la técnica de grupo focal en línea sincrónica y asincrónica para la coleta de datos. La investigación demostró que el foco principal de la función del diseñador instruccional se basa en la capacidad de fomentar el aprendizaje real y efectivo para los alumnos de educación superior en entornos virtuales de aprendizaje.*

**Palabras clave:** *Diseño Instruccional. Educación a Distancia. Enseñanza Superior. Aprendizaje.*

## Introdução

Com o crescimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no contexto educacional, é cada vez mais frequente a busca de novos meios e métodos que favoreçam uma aprendizagem eficaz. A Educação a distância (EAD), como uma proposta mediada por essas tecnologias, vem se tornando um novo paradigma educacional, capaz de atender a todos aqueles que procuram por conhecimento e principalmente uma formação. Nesse sentido, tratando-se de formação em nível superior, podemos acentuar que a EAD é uma modalidade de ensino que vem crescendo muito no cenário acadêmico (MORAN, 2011), seja pela facilidade de criação de telessalas nas instituições regionais, com custos mais baixos, quanto pela autonomia dada aos alunos no gerenciamento do seu próprio tempo (MORAN, 2011).

Paralelamente a esse crescimento da EAD, temos uma área que carece de discussão científica que é a área de Design Instrucional (D.I.). Para Filatro (2008, p. 4) “[...] o design instrucional é uma teoria, um corpo de conhecimento voltado à pesquisa e à teorização das estratégias instrucionais.” A autora afirma, é por meio do design instrucional de um curso que as relações de ensino e aprendizagem são estruturadas na EAD. Partindo desse princípio, o presente trabalho teve como objetivos investigar a importância da presença do profissional

de Design Instrucional, conhecido como designer instrucional (DI), na elaboração de cursos em nível superior na modalidade a distância (Educação a distância), e também identificar as habilidade e competências do designer instrucional para a educação a distância.

A pesquisa teve uma natureza qualitativa, pois buscou considerar as relações entre os sujeitos e o mundo real. Quanto aos seus objetivos a pesquisa foi caracterizada como exploratória, tendo como propósito a descoberta de novas intuições e o aperfeiçoamento de ideias existentes. A coleta de dados foi realizada através da técnica de grupo focal *online* síncrono e assíncrono (ABREU et al, 2009), no qual se utiliza a internet como recurso de comunicação, e assíncrono por ser caracterizada pela separação espacial e a espaço/temporal entre os sujeitos e o pesquisador.

#### Primeiras concepções: O designer instrucional

De acordo com Romiszowski, (2004) o trabalho de *Design Instrucional* (D.I.) é desenvolvido pelo designer instrucional (DI). Mas quem é esse profissional? Se tratando da formação, o indivíduo que atua nessa área geralmente tem uma formação inicial na área das ciências Humanas (Letras, Pedagogia, entre outros) e realiza posteriormente uma pós-graduação na área de D.I. (ROMISZOWSKI, 2004). Essa profissão, muitas das vezes, vem sendo confundida com a de *webdesigner*<sup>2</sup> (ROMISZOWSKI, 2004) Este fato pode ser consequência do histórico da função de DI. Entretanto, podemos afirmar que “ designer instrucional é o arquiteto, o criador do sistema. O webdesigner é o desenvolvedor dos componentes do sistema. Ambos se envolvem no processo de avaliação no design instrucional, mas de forma diferente” (ROMISZOWSKI, 2004, p. 5).

Filatro (2003) pontua que o DI, inicialmente, atuava como especialista em tecnologia educacional. Logo, com mudança de concepção da educação na relação de ensino e aprendizagem e com a adesão das TIC no contexto didático/educacional, o DI passa a ser um profissional que fará a articulação da relação de ensino e aprendizagem na EAD, conforme sinalizam Filatro (2003) e Romiszowski (2004).

Podemos compreender o DI como o profissional “[...] responsável por planejar, desenvolver e aplicar métodos, técnicas e atividades de ensino a fim de facilitar a aprendizagem” (FILATRO, 2003, p. 135). Nessa perspectiva, esse profissional passa a ter o

---

<sup>2</sup> O webdesigner ou designer gráfico se ocupa de projetos de sistemas de informação visuais, como por exemplo, criação de mídia eletrônica, composição de sites, de home pages, de projetos multimídia, entre outros (BATISTA, 2008).

controle sobre as decisões de qual será a melhor estratégia pedagógica a ser implementada, quais serão as ferramentas e materiais didáticos facilitadores do aprendizado na EAD e como poderão ser realizados os processos avaliativos. Batista (2008) ressalta que o DI explora na sua área fundamentos pedagógicos, tecnológicos, comunicacional e organizacional. Entretanto, mesmo o DI sendo um profissional com múltiplas capacidades, ele não atua sozinho. Batista (2008, p. 19) atesta que

Ao *designer* instrucional é dada a tarefa de abordar e elaborar estratégias que consolidem uma relação benéfica entre a tecnologia e a educação, com uma aprendizagem colaborativa e autônoma. Entretanto, essa responsabilidade deve ser compartilhada com outros agentes desse processo estratégico de aprendizagem.

Sendo assim, podemos perceber que deve haver uma rede a fim de interligar diversos profissionais na produção de cursos a distância.

Um ponto importante que influencia diretamente o trabalho do DI é a sua escolha de uma teoria pedagógica de aprendizagem, pois a compreensão dos diferentes posicionamentos teóricos sobre como ocorre a aprendizagem é que “[...] vai lhe garantir condições de encaminhar o processo educativo que está construindo em caminhos mais orientados e seguros” (KENSKI, 2011, p. 07)

Campos et al (1998, p. 15) acrescenta que: “O processo de design educacional é um ciclo de atividades que, apoiado em uma teoria de aprendizagem, define os objetivos educacionais, as informações que constarão do produto e o modelo de avaliação.” Dentre as teorias mais simbólicas na educação, podemos citar o Behaviorismo, que se baseia na mudança de comportamento do sujeito a partir da repetição e dos padrões comportamentais feitos automaticamente; o Cognitivismo, que já traz um olhar diferenciado para o sujeito, tendo como perspectiva a sua compreensão mental; e o Construtivismo que se baseia na premissa de que a construção do conhecimento humano se faz através da relação mútua entre ele e o meio em que vive (LUCKESI, 1994)

De acordo com Kenski (2011) há diferentes contribuições dessas teorias pedagógicas de aprendizagem para o trabalho do DI. A autora pontua que o Behaviorismo trouxe os princípios base iniciais de D.I., como por exemplo, a instrução programada, a autoinstrução e a aprendizagem assistida pelo computador. No entanto, podemos refletir que profissional de D.I. que faz a opção de trabalho embasado nessa teoria, pode-se remeter a

criação de um ambiente de aprendizagem que foque na educação como um processo programado, onde são apenas determinados os objetivos e verificados os resultados.

Já o Cognitivismo, com sua ênfase nos processos mentais e na promoção de uma aprendizagem eficaz, trouxe para o DI a proposta de utilização de mapas conceituais para a formulação do ambiente de aprendizagem; a noção de matrizes, para estruturar os conteúdos em unidades de informações coordenadas entre si; atividades práticas com discussão dos temas estudados; uso de imagens mentais que auxiliem na aprendizagem (Gestalt<sup>3</sup>); entre outros (KENSKI, 2011). Compreendermos que o DI que se apropria dessa teoria adota uma visão sistematizada da aprendizagem com vistas para os alunos. O material didático, bem como o próprio ambiente virtual de aprendizagem pode ser estruturado com base em uma sequência lógica que permite que aluno se torne o autor de seu processo de conhecimento.

A teoria Construtivista pressupõe que a construção dos conhecimentos esteja diretamente influenciada pelo ambiente de aprendizagem (KESNKI, 2011). Nesse sentido, o DI ao assumir uma postura construtivista, pode elaborar um ambiente virtual de aprendizagem que compreenda a ação do indivíduo em seu processo psicológico e social (KENSKI, 2011). Kenski (2011) afirma ainda que as atribuições desse AVA estão pautadas na análise do conteúdo, ou seja, na busca de um conteúdo que permita que os aprendizes construam seu próprio entendimento, encorajando-o a pesquisar. Também na análise dos estudantes, onde há o reconhecimento das particularidades de cada indivíduo, buscando assim atividades ativas e contextualizadas; no *design* diferenciado, para que o aluno sinta facilidade em explorar o ambiente, criando possibilidades diversas de manipulação das informações; e por último, na avaliação flexível, que acomode as diferentes perspectivas críticas no processo avaliativo: a auto avaliação, a avaliação pelos pares, a avaliação coletiva, avaliações informais, entre outros. (KENSKI, 2011)

Filatro (2003) pontua que ainda há outras correntes teóricas que são complementares, como por exemplo, a Andragógica, que compreende a pedagogia para adultos, onde há o forte estímulo do desenvolvimento das habilidades autônomas dos alunos; a Pedagogia Freiriana, que traz a perspectiva progressiva e emancipatória da educação e a Pedagogia Humanística, que se fundamenta na valorização do desenvolvimento integral do

---

<sup>3</sup> A Gestalt se baseia na compreensão dos processos perceptivos de diferentes sujeitos sob “efeito” de determinados recursos pictóricos.

ser humano. Para Filatro (2003), a Pedagogia Humanística é uma teoria educacional que visa o aluno como ser singular capaz de trazer um conjunto próprio de experiências e necessidades para uma determinada situação didática. Neste caso, podemos dizer que o ato de aprender torna-se pessoal e experiencial.

Assim, por meio da compreensão da função e bases teóricas da função de designer instrucional, podemos acentuar uma relevância na elaboração de cursos de EAD. No entanto, a questão que permeia essa colocação é justamente a sua relação com as instituições de ensino superior. Será que nestes espaços este trabalho vem sendo realizado? Qual é a sua importância para o ensino superior?

## Metodologia

De acordo com Gil (2002, p.17), a pesquisa “[...] desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.” Em pesquisas na área de educação, é muito comum a utilização da abordagem de pesquisa qualitativa. Nessa abordagem, são consideradas as relações entre o sujeito, ou os sujeitos, e o mundo real. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. (SILVA; MENEZES, 2001) Assim, esta pesquisa, estando dentro da amplitude da pesquisa qualitativa, quanto aos seus objetivos foi classificada como do tipo exploratória. Para Gil (2002), pesquisas como estas proporcionam familiaridade com o problema, ou seja, aprimoram-se ideias até então pouco estudadas. Para contemplar tais objetivos, a pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, embasados em teóricos da área, sobre as particularidades da profissão de DI. No segundo momento, foi desenvolvida a pesquisa de campo que foi realizada no ambiente virtual. Junior (2013, p.5) afirma que

Os ambientes virtuais se constituem como campo de pesquisa interessante, pois propicia que as interfaces comunicacionais sejam promotoras de um diálogo entre internautas, com a participação de diversas vozes que se entrecruzam e, colaborativamente, tecem saberes.

Esse campo empírico vem sendo utilizado atualmente por muito pesquisadores, já que tem como característica a mobilidade de aplicação de métodos e técnicas, que de acordo com determinados objetivos de uma pesquisa, não seria possível de ser realizada da forma convencional. (JUNIOR, 2013).

Os sujeitos da pesquisa foram quinze profissionais de Design Instrucional selecionado por amostragem não-probalística e intencional. Para Mattar (1996 *apud* OLIVEIRA, 2001), a

amostragem não-probalística “[...] é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo.” Já a amostragem não-probalística intencional ou de julgamento é realizada de acordo com a necessidade do pesquisador. É comum a escolha de profissionais especializados como boas fontes de informações para o pesquisador. (OLIVEIRA, 2001). Neste caso, por meio da indicação de alguns professores acadêmicos, esses profissionais foram contatados via e-mail para participarem desta pesquisa.

Para a coleta de dados, foi utilizada a técnica de grupo focal *online* síncrono e assíncrono. (ABREU et al, 2009) Inicialmente, entende-se por grupo focal uma técnica cujos objetivos são “[...] identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade” (DIAS, 2000, p. 3). É realizado pelo pesquisador com um grupo de pessoas com características comuns ou não. Já seus objetivos específicos, “[...] variam de acordo com a abordagem de pesquisa. Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador” (DIAS, 2000, p. 3).

Sendo assim, para contemplar os objetivos da pesquisa compreendendo a dificuldade de um encontro físico com os sujeitos pesquisados, foi utilizada a técnica de grupo focal *online* síncrono e assíncrono (ABREU et al, 2009). Essas técnicas têm como característica principal a utilização da internet como recurso de comunicação e a separação espacial e a espaço/temporal entre os sujeitos e o pesquisador.

O grupo focal *online* assíncrono foi realizado tendo com suporte a rede social Facebook. Patrício e Gonçalves (2010, p.2), afirmam que o Facebook é uma rede social que “[...] proporciona uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informação, assim como controlar quem pode aceder a informação específica ou realizar determinadas ações.” Dentre as ferramentas que o Facebook oferece, foi utilizado a de criação de grupos fechados. Assim, os DIs foram novamente contatados via e-mail e convidados para participarem deste grupo de pesquisa.

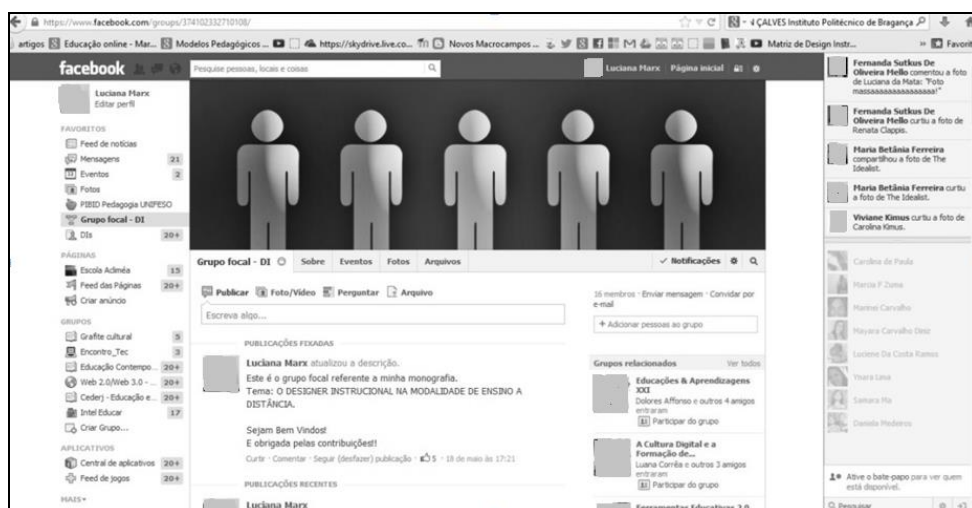
## Desenvolvimento

A pesquisa teve a duração de duas semanas, para que pudesse dar aos participantes uma oportunidade mais ampla de diálogo. As questões discutidas no grupo foram

previamente elaboradas, no decorrer da discussão novas perguntas forma acrescentadas.

A fim de organizar as falas foram dados aos DI nomes fictícios contento números, sendo estabelecidos pela ordem da primeira postagem (exemplo: DI-1, DI-2, etc.).

Figura 1: Grupo focal online assíncrono no Facebook



Fonte: Print Screen do grupo focal online assíncrono na rede social Facebook

Em um primeiro momento, para identificar a relação das bases teóricas do DI, com a própria prática do designer instrucional, foi levantada a seguinte questão: O que você faz como DI?. As falas geradas pelo grupo demonstraram o quanto que a função do DI, apesar de definida teoricamente, na prática, ela ainda não está sendo bem compreendida. Destacam-se as seguintes colocações:

Atuo como Designer Instrucional desde 2009 e minha experiência é praticamente toda em EaD. No meu dia a dia, a dinâmica do DI para EaD é bem diferente do DI para o presencial e muitas vezes faço o trabalho de muitos profissionais, desde a parte de produção de conteúdo, passando pela estruturação e apoio técnico dos cursos nos AVA até o gerenciamento dos mesmos no ambiente virtual (DI-1).

Eu trabalho em diferentes lugares, mas resumindo faço tanto a parte de projeto quanto de implantação. A função de um designer ainda se confunde com a de consultoria. E quando você atua com prestação de serviço termina atuando nas duas áreas (DI-2).

Minhas principais atividades são: produção de conteúdo, administração de AVAs, roteirização de cursos, criação e gestão de cursos no AVA. Acredito que o DI hoje é exposto a diversas situações que muitas vezes não competem a ele, mas precisa fazer (DI-3).



De acordo com Filatro (2008) a função de DI abrange três áreas do conhecimento: ciências humanas, de informação e da comunicação. Quanto às ciências humanas, o DI deve conhecer a relação de ensino e aprendizagem na EAD com referência ao estudo da psicologia humana (do desenvolvimento, do comportamento, da psicologia social e cognitiva.). Na área das ciências da informação, o DI deve reconhecer as diferentes formas de comunicação e interação na EAD, bem como, identificar as mídias audiovisuais, e outros recursos para a aprendizagem *online*. Também, é necessário ter conhecimentos em gestão da informação e ciências da computação. Já para a área das ciências administrativas, o DI também atua como gestor de projetos, por isso, deve ter conhecimento em engenharia de produção. (FILATRO, 2008).

Esses elementos, que fazem parte da função de DI, nos faz refletir acerca das falas apresentadas quanto às diferentes competências atribuídas ao DI. Na realidade, esse profissional deve ser encarado como um agente organizador da aprendizagem em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), e não como um multitarefa em uma equipe de EAD.

Quanto ao ambiente em que o DI atua, podemos dizer que esse é um fator que difere sim a sua função. De acordo com Filatro (2003) é possível dividir a atuação do DI em dois grandes campos. O primeiro refere-se ao campo em que a educação é atividade-fim, ou seja, a educação é a atividade principal entre as pessoas, como por exemplo, nas instituições que provém ensino fundamental, médio, superior, EJA, ensino profissionalizante, educação especial e formação de professores. O segundo campo concentra-se na educação como atividade-meio, em que a educação apenas apoia a atividade-fim de pessoas e grupos. Nesse segmento destacam-se os programas educacionais executivos, de desenvolvimento gerencial e de treinamento de funcionários, pessoal de assistência técnica, distribuidores, ONGs, sindicatos, associações, entre outros.

Podemos dizer que esses diversos ambientes de atuação do DI são fatores determinantes para o seu trabalho, já que cada campo necessita de objetivos, métodos e resultados educacionais diferenciados.

A próxima questão apresentada ao grupo diz respeito ao conhecimento deles acerca da lei que regulamenta a sua profissão. A maioria dos relatos demonstrou o desconhecimento de uma legislação específica. No entanto, alguns participantes acrescentaram que existe uma regulamentação definida na *Classificação Brasileira de Ocupações* (CBO), mas que ainda não

está bem especificada. Essa questão sobre a regulamentação do DI causou grande discussão no grupo.

A especificação da profissão de DI na CBO permitiu que fosse levantada outra questão: Vocês concordam com a categoria no qual se enquadra o DI (categoria 2394: Programadores, avaliadores e orientadores de ensino)? Lembrando que, foi ressaltado para os participantes, que a categoria do DI é a mesma do coordenador pedagógico, do pedagogo e do psicopedagogo. Algumas falas demonstraram pontos fundamentais da profissão que apresentaram indícios de sua importância para o ensino superior na modalidade a distância. Destacam-se as seguintes:

Considero que a categoria é adequada, tendo em vista a atividade de gestor de projetos educacionais exercida pelo DI. Claro que em muitas organizações o DI atua apenas na parte da produção, desenvolvendo e implementando plataformas, tecnologias e etc., mas na função de gestor de projetos instrucionais, na qual ele planeja, juntamente com coordenadores, conteudista e etc., sim, é adequada (DI-4)

Acredito que o DI está bem alocado, pois a função primária dele é de gerir/orientar/mapear o desenvolvimento de projetos educacionais, fazendo a conexão entre os diversos profissionais envolvidos (DI-1).

Essa questão trouxe-nos a reflexão de que há certos elementos em comum entre o coordenador pedagógico e o designer instrucional, já que, as atribuições do coordenador pedagógico

[...] definidas pelas legislações estaduais e/ou municipais, são muitas, envolvendo desde a liderança do projeto político pedagógico até funções administrativas de assessoramento da direção, mas, sobretudo, atividades relativas ao funcionamento pedagógico da escola e de apoio aos professores, tais como: avaliação dos resultados dos alunos, diagnóstico da situação de ensino e aprendizagem, supervisão e organização das ações pedagógicas cotidianas [...], andamento do planejamento de aulas [...], planejamento das avaliações, [...] material necessário para as aulas [...] (PLACCO et al, 2012, p. 761).

Assim, podemos acrescer a hipótese de que o designer instrucional é como se fosse um coordenador pedagógico da modalidade de educação a distância. Ambos realizam o seu trabalho embasado nos elementos necessários à aprendizagem do aluno e também no gerenciamento de pessoas e das práticas didáticas.

Corroborando com essa perspectiva da profissão D.I. e refletindo sobre a sua importância para a EAD, o DI-4 pontuou que,

A profissão de DI é importante por ser a essência da educação e da qualificação profissional, que são a base de qualquer sociedade, país. Os projetos instrucionais/educacionais são desenvolvidos em todos os níveis de educação e capacitação profissional, formando os profissionais que irão atender ao mercado, à sociedade e suas demandas industriais, comerciais, políticas, ambientais, culturais, sociais e etc. O Designer Instrucional, na atualidade tem o objetivo e dever de repensar nossa sociedade, seus conceitos e preconceitos, sua forma, cultura, costumes, legado, necessidades, história, perspectivas e traduzir tudo isso em formatos, parâmetros, tecnologias, metodologias, ferramentas inovadoras que promovam o crescimento dos indivíduos e da sociedade, sua inclusão e acesso, bem como garantir o mesmo para as futuras gerações (DI-4)

Essa colocação foi ao encontro do que propõe as bases teóricas dessa profissão conforme pontuado anteriormente. O DI-8 acrescentou, acerca da sua importância para a EAD, um conceito relevante:

Acredito ser importante principalmente pela relação de ensino/aprendizagem que agente proporciona. Um ambiente virtual de aprendizagem que é estruturado por um DI é muito mais favorável a aprendizagem do aluno. Acredito que a importância maior de nossa profissão é essa: facilitar e estimular a aprendizagem dos alunos na EAD! (DI-8).

De acordo com Amarilla Filho (2011), a essência da EAD é justamente o aprendizado com foco na proximidade do aluno. Para o autor,

A Educação a Distância requer a compreensão de que é um processo de ensino-aprendizagem apontado para uma só dimensão: *a proximidade* do aluno, não no sentido espaço-temporal, mas no sentido do exercício da autonomia, da participação e da colaboração no processo ensino aprendizagem. É o aluno motivado e “próximo” o foco principal de tal processo, a partir do conhecimento de suas características socioculturais, das suas experiências e demandas (AMARILLA FILHO, 2011, p. 48)

Assim, podemos acrescer a hipótese de que o ensino superior a distância deixa a desejar quanto a essa proximidade, já que, segundo relatos dos participantes, ainda são poucas instituições de ensino superior a distância que abrem espaço para o DI.

O DI-9 trouxe para o debate uma questão importante que, muitas das vezes, define a abertura para esses profissionais no ensino superior: a questão financeira da Instituição de ensino. Para ele, na hora da contratação de mais um profissional na equipe de um curso a distância, “[...] geralmente o Gestor pensa com o bolso” (DI-9). Em resposta a sua colocação, o DI-4 pontuou:

Na verdade, nem pensam com o bolso, pois a economia na contratação de um DI é enorme, tendo em vista a redução de custos que ele proporciona, a maior qualidade do trabalho, evitando o retrabalho e a insatisfação do aluno ou cliente, etc. Pensam com o preconceito, com a ignorância, com o medo da mudança, da inovação. (DI-4)

Ao DI-4 expor a existência do medo e preconceito com novas propostas na área da EAD, Moran (2011) reforça que a maior parte das instituições prefere repetir a arriscar uma nova metodologia de ensino e aprendizagem. Também pontua que há sim uma preocupação com lucros e com a rentabilidade dos investimentos feitos. Como a profissão ainda é pouco conhecida, essas instituições não têm ao certo delimitada essa relação de custo/benefício do DI e, acabam optando pelas práticas que já são comuns no campo da educação.

Moran (2011) afirma e alerta que os métodos de racionalização administrativa nas instituições de ensino são precários, que:

Há muito desperdício, falta de profissionalismo nas decisões econômicas. Um as instituições só pensam em *marketing* e lucros e banalizam a qualidade didática. Outras mantêm estruturas administrativas pesadas, cara e ineficientes. Os métodos de organização da aprendizagem precisam ser urgentemente repensados, modificados, com coragem e efetividade, porque sua inadequação às possibilidades, aos tipos de aluno e as necessidades tornam-se cada vez mais dramáticas. (MORAN, 2011, p.21)

Além do mais, dados do relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil do CENSO 2011, comprovam que cerca de 60% dos produtos estão focados na área de D.I. são os pontos fortes das instituições que prestam serviços em EAD.

O levantamento realizado no grupo focal acerca dos locais onde os DI costumam atuar forneceu dados importantes que podem comprovar os poucos os investimentos das IES em novos recursos e métodos didáticos eficientes, pois apenas 27% dos DI atuam nas universidades. Este dado pode esclarecer também que o mercado de trabalho do DI fica muito limitado mediante a quantidade de atributos que compete a profissão.

O segundo momento da coleta de dados foi o grupo focal síncrono, realizado pelo chat da rede social Facebook. Esse momento foi previamente combinado os participantes do grupo, a fim de que o dia e a hora fossem favoráveis a todos.

A pergunta que norteou a discussão foi também a pergunta que trouxe a tona a questão problematizadora desta pesquisa: Qual a importância do designer Instrucional na elaboração de um curso de graduação na modalidade a distância (EAD)?

Todos os participantes foram unânimes em dizer que é fundamental. Essa afirmação pode em um primeiro momento se justificar pelo fato de todos os integrantes desta pesquisa serem DI, no entanto, em análise das respostas apresentadas, vimos que a justificativa foi mais além do que simplesmente estas. Destacaram-se então as seguintes afirmações:

O Designer instrucional é fundamental para qualquer modalidade e nível em EAD. Seja em cursos de graduação, pós, qualificação profissional, corporativos, etc. O Designer é quem vai transformar as estratégias e metodologias educacionais em ferramentas que aproximem o aluno do conteúdo e do mercado. Ao desenvolver plataformas, formatos de conteúdo e objetos de aprendizagem, utilizando tecnologias adequadas a cada tipo de aluno, estilo de aprendizagem, etc. (DI-4).

O DI é importante no ensino superior para que haja bem estruturado um ambiente que será propício a aprendizagem dos alunos. Mas acho que DI não deve apenas elaborar esse ambiente e acabou. Acho que ele deve, junto com o tutor e o conteudista, acompanhar os alunos e, assim, ir reformulando esse ambiente (DI-8).

A colocação do DI-8 propõe que o DI vá oferecendo aos alunos formas alternadas de usufruir situações didáticas. Esse acompanhamento e reformulação do AVA, antes sob responsabilidade apenas do professor e/ou tutor, passa a ser compartilhada com o DI.

Para Torres e Marriott (2006, *apud* SANTOS; ALVES, 2006) o tutor deve gerenciar a participação dos alunos, motivando-os na participação e integração e, apontando possíveis contradições entre os membros do grupo. Já o professor, deve estruturar as aulas de modo que todos os “atores” sejam envolvidos no processo de aprendizagem. Podemos acrescentar que, nessa equipe, o DI estará elaborando o material didático juntamente com o professor; formatando o AVA com o *webdesigner*; acompanhando o trabalho do tutor, para eventuais adaptações e, realizando o gerenciamento dos gastos com recursos e materiais em parceria com o gestor de projetos em EAD.

Outra questão importante ressaltada pelo DI-8 diz respeito às necessidades de aprendizagem: “[...] nas IES muitas vezes essas necessidades de aprendizagem não são identificadas. Justamente pela falta do DI!” O DI-4 complementa que

Optou-se no Brasil pela busca da educação de massa, ou seja, satélite, internet, etc., sem foco, sem público-alvo, sem identificação de necessidades. As necessidades precisam ser identificadas em vários aspectos, desde a necessidade do mercado que se pretende atender com profissionais qualificados e formados em seus cursos, ou seja, se pretendemos formar profissionais para determinada área, precisamos

compreender suas especificidades de mercado, necessidades de mercado para adequar o curso a esta realidade (DI-4).

A partir dos relatos temos como pressuposto que o DI não apenas foca nas necessidades de aprendizagem dos alunos, mas também no atendimento das demandas sociais de formação superior. Para Cherman e Bonini *apud* Alves (1999), o DI é um estrategista na produção e gerenciamento da educação a distância, colocando-se muitas das vezes como determinante para a sobrevivência das instituições de ensino superior.

Para o DI-10 o aluno só poderá usufruir de um processo de aprendizagem autônoma se todos (o designer instrucional, o tutor presencial, o tutor a distância, o professor conteudista) estiverem engajados no projeto do design instrucional. Após essa fala, o DI-8 exaltou novamente que o DI deveria ser efetivado na equipe de um curso de ensino superior a distância, mas que para que isso aconteça primeiramente é preciso que as pessoas tenham um conhecimento sobre essa área e que haja uma regulamentação adequada da profissão.

No Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil do CENSO de 2007, observamos que o DI já é citado, no entanto apenas como profissional de apoio e em números relativamente baixo nas instituições. Já no relatório dos anos de 2008 e 2009, o DI aparece como parte integrante do desenvolvimento e suporte para cursos de EAD nas IES, em um percentual de mais de 8% de ingressos nas equipes. Nos anos consecutivos (2010 e 2011), o DI já é considerado um personagem responsável pela EAD nas IES e, apresenta de acordo com o regime de trabalho (terceirizado/ efetivo) para a composição numérica da equipe de produção de cursos em 2011, um total de 30% sendo funcionários terceirizados e, já, 70% sendo efetivos. Esses dados podem apresentar que o reconhecimento da profissão já é visível e caminha para uma efetivação permanente.

Assim, a análise dos dados nos possibilitou discutir acerca da importância do DI. Vimos que ela pode estar fortemente relacionada com questões pedagógicas na EAD como, por exemplo, as relações de ensino e aprendizagem e os processos de avaliação. Também podemos dizer que o DI, em alguns locais de atuação, pode ser considerado um gestor na EAD, pois na maioria das vezes ele é quem fica responsável pela organização do currículo, percepção da demanda para a criação de cursos de graduação, pós-graduação e mestrado na modalidade de ensino a distância, e pelo gerenciamento dos sujeitos que compõe uma equipe na EAD.

## Considerações finais

A presente pesquisa buscou contribuir para a necessária discussão em torno da atuação do profissional designer instrucional em cursos de nível superior.

Percebemos que a EAD no Brasil, principalmente se tratando do ensino superior, necessita de alguns ajustes no que diz respeito ao ambiente virtual de aprendizagem e demais recursos de aprendizagem. O espaço físico de uma sala de aula deve ser um ambiente propício à aprendizagem do aluno, seja por meio de artifícios visuais e/ou comunicacionais, e este fato não deve ser encarado de forma diferente na EAD. O mesmo ambiente (neste caso o virtual) deve permitir que o aluno de fato apreenda o conteúdo proposto de maneira significativa para ele. Moran (2011, p.102) destaca que “A matéria-prima da aprendizagem é a informação organizada, significativa, a informação transformada em conhecimento.” E é justamente essa a função do DI. É possibilitar que todos os recursos midiáticos de informação e comunicação possam estar de acordo com os objetivos de aprendizagem de uma determinada instituição de ensino, atentando-se também com o cuidado em não apenas tornar virtual um ensino tradicional.

Torres e Marriott (2006, *apud* SANTOS; ALVES, 2006, p. 161) afirmam que “Mesmos as universidades virtuais, que desenvolvem programas a distância com base no uso das novas tecnologias em um modelo de mídias integradas, ainda encontram desafios na virtualização do ensino.” Muitas das vezes o que vemos nas IES é justamente essa virtualização do ensino tradicional, ora se para o ensino superior presencial a educação tradicional é, de acordo com estudos do conhecimento humano, uma abordagem ineficaz para a aprendizagem, transpô-la para a EAD é um erro crucial. Essa modalidade educacional já enfrenta muitos preconceitos quanto a eficácia de seus métodos de ensino e aprendizagem, seja por “falta” de interação entre os sujeitos, quanto pela disposição de um ambiente “pouco” favorável a aprendizagem. Nesse sentido, é necessário que a equipe de um curso superior a distância, principalmente de graduação, por se tratar da formação profissional inicial, identifique a figura do DI como um possível agente dessa mudança de paradigma.

Percebemos, ao longo do processo de pesquisa, que o DI é o personagem que poderá retirar os velhos esquemas de aprendizagem *online* baseada na educação tradicional, e que poderá trazer, juntamente com a sua equipe, uma abordagem pedagógica que valorize a aprendizagem colaborativa e autônoma do aluno.

Moran (2002) reforça que o ambiente de um curso a distância não pode ser reduzido a um lugar onde se procuram textos e/ou conteúdo. Para o autor,

Um bom curso é mais do que conteúdo, é pesquisa, troca, produção conjunta. Para suprir a menor disponibilidade ao vivo do professor, é importante ter materiais mais elaborados, mais auto-explicativos, com mais desdobramentos (links, textos de apoio, glossário, atividades...). Isso implica em montar uma equipe interdisciplinar, com pessoas da área técnica e pedagógica, que saibam trabalhar juntas, cumprir prazos, dar contribuições significativas. (MORAN, 2002, p.2)

Assim, se tratando de um curso superior particular, mesmo que aparentemente seja dispendiosa a contratação de mais um profissional para atuar na equipe de um curso de graduação a distância, a relação de custo/benefício dada por esse profissional pode ser equivalente, podendo também, chegar a apresentar benefícios superiores do que o custo, pois, um curso bem estruturado ocasiona uma maior procura pelas partes interessadas (alunos).

Finalmente, conclui-se que a importância desse profissional se encontra mesmo em sua discussão pedagógica. A presença de um DI na equipe de um curso de graduação a distância pode ser necessária para que haja o aproveitamento global das tecnologias digitais, não apenas como um “modismo” da sociedade em rede, mas sim, como potencial de aprendizagem. Provavelmente com a aplicação inteligente da teoria da aprendizagem, o *designer* instrucional poderá encontrar soluções para as necessidades de aprendizagem do século XXI.

## Referências

ABREU, N. R de; BALDANZA, R. F.; GONDIM, S. M. G. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**. Journal of Information Systems and Technology Management Vol. 6, No. 1, 2009, p. 05-24

ALVES, J.R.M. Educação a distância: formas tradicionais e novas tecnologias. **Revista Estudos**, 1999. Disponível em: <<http://www.abmes.org.br/abmes/public/arquivos/publicacoes/Estudos26.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2013.

AMARILLA FILHO, P. Educação a distância: uma abordagem metodológica e didática a partir dos ambientes virtuais. **Educ. rev. Belo Horizonte**, v. 27, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982011000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 abr. 2013.



BATISTA, M. L. F. da S. O Design Gráfico e o Design Instrucional na Educação a Distância. IN: **Design, Art e Tecnologia**. UNESP/FAAC, Bauru, SP: 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil, 2011. ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

CAMPOS, F. C. A. et al. Design Instrucional e Construtivismo: em busca de modelos para o desenvolvimento de software. **IV Congresso RIBIE**, Brasília 1998. Disponível em: <<http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200342319538250M.PDF>> Acesso em: 15 jun. 2013.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: Estudos**, 2000 - periodicos.ufpb.br. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/330/252>> Acesso em: 30 mai. 2013.

FILATRO, A. **Design Instrucional Contextualizado: educação e tecnologia**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Design Instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNIOR, D. R. do C. Etnografia virtual e as contribuições de Mikhail Bakhtin na pesquisa com internautas. **Revista Teias**. v. 14, n. 31. p. 97-108. maio/ago. 2013. Disponível em: <[http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path\[\]=1412&path\[\]=1086](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path[]=1412&path[]=1086)> Acesso em: 30 mai. 2013.

KENSKI, V. M. **O desafio da educação a distância no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/011.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2013.

LUCKESI, C. C.. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 53-75.

MORAN, J. M.. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

\_\_\_\_\_. **O que é um bom curso a distância?**. 2002. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/moran/bom\\_curso.htm](http://www.eca.usp.br/moran/bom_curso.htm)> Acesso em: 08 set. 2013.

OLIVEIRA, E. da S. G. de; et al. Uma Experiência de Avaliação da Aprendizagem na Educação a Distância: o Diálogo entre Avaliação Somativa e Formativa. REICE: **Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, ISSN-e 1696-4713, Vol. 5, Nº. 2, 2007, p.39-55.

PATRÍCIO, M. R.; GONÇALVES, V. Facebook: rede social educativa? In: **I Encontro Internacional TIC e Educação**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2010. p. 593-598.

PLACCO, V. M. N. de S.; SOUZA, V. L. T; ALMEIDA, L. R. O coordenador pedagógico: aportes à proposição de políticas públicas. **Cad. Pesquisa**. [online]. 2012, vol.42, n.147, pp. 754-771.

ROMISZOWSKI, H. P.. Avaliação no design instrucional e qualidade da educação a distância: qual a relação? **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. v.3. São Paulo, 2004. Disponível em: [http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista\\_pdf\\_doc/2004\\_avaliacao\\_design\\_instrucional\\_qualidade\\_educacao\\_hermelina\\_romiszowski.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/2004_avaliacao_design_instrucional_qualidade_educacao_hermelina_romiszowski.pdf). Acesso em: 09 jul. 2013.

SANTOS, E.; ALVES, L. (Orgs.). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M.. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3. ed. **Revista Atual**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

Recebido em 10 de setembro de 2014  
Aceito em 30 de dezembro de 2014